



Desarrumada e desatenta, Seleção Brasileira decepciona a torcida em Nova Jersey com futebol pobre e muitos erros individuais. Talento de Vinicius Junior salvou o time de Ancelotti da derrota para a habilidosa Seleção de Marrocos

Brasil joga mal e só empata na estreia

WILLIAM VOLCOV/ESTADÃO CONTEÚDO

MARCOS PAULO LIMA
VICTOR PARRINI
Enviados especiais

Nova Jersey — Carlo Ancelotti costuma se orgulhar das origens italianas. Não apenas pela coleção de títulos espalhados pelas principais ligas da Europa, mas também, pela herança de um país que transformou a arte de defender em patrimônio cultural. Foi assim que a Itália conquistou quatro Copas do Mundo. É assim, também, que o treinador imagina pavimentar o caminho do Brasil rumo ao hexa, mas a realidade é outra.

A Seleção Brasileira desembarcou nos Estados Unidos carregando uma preocupação cada vez mais difícil de esconder. Entrou em campo contra Marrocos após sofrer gols nas cinco partidas anteriores. Saiu do MetLife Stadium com a sequência ampliada. Se o sonho é conquistar a sexta estrela, o Brasil também alcançou outro hexa neste sábado: o sexto jogo consecutivo com a meta violada.

O alerta não nasceu diante dos marroquinos. Até o Panamá conseguiu balançar as redes brasileiras neste ciclo, apesar da derrota por 6 x 2. Contra um adversário do porte de Marrocos, semifinalista da última Copa do Mundo, o castigo parecia questão de tempo. Saibari encontrou um corredor entre Gabriel Magalhães e Marquinhos, avançou livre e encobriu Alisson para escancarar uma fragilidade que acompanha a equipe há semanas.

Foi uma tarde em que Ancelotti precisou conviver com as próprias contradições. O treinador abandonou o 4-4-2 utilizado nos compromissos anteriores e apostou em mudanças importantes. O candangor Igor Thiago apareceu entre os titulares no lugar de Matheus Cunha. Ibañez ganhou a vaga de Danilo. O resultado foi uma equipe sem sintonia, espaçada entre os setores e vulnerável justamente naquilo que deveria ser sua principal virtude.

Durante boa parte do primeiro tempo, Marrocos parecia jogar em casa. Trocava passes com naturalidade, acelerava quando encontrava espaço e tinha superioridade numérica com frequência preocupante. O Brasil correu atrás do prejuízo, empatou e evitou uma estreia ainda mais traumática. Mas a sensação deixada no gramado foi desconfortável.

Até 2018, a Seleção não empatava uma estreia de Copa desde o 1 x 1 contra a Suécia, em 1978. Na Rússia, a Suíça repetiu a dose. Agora, foi a vez de Marrocos arrancar pontos da Amarelinha logo no primeiro compromisso do Mundial.

Ancelotti terá quatro dias para reorganizar a casa antes do duelo contra o Haiti, na próxima sexta-feira, na Filadélfia. Há tempo suficiente para corrigir erros táticos. Talvez não para silenciar uma pergunta que cresce a cada partida: como um treinador moldado pela tradição defensiva italiana vê sua Seleção sofrer gols com tanta frequência?

Doze anos depois, a Seleção Brasileira voltou a estreiar em uma Copa do Mundo saindo atrás no placar. Em 2014, Marcelo marcou contra na vitória de virada por 3 x 1 sobre a Croácia. Conscientes ou não do aproveitamento do Brasil em debates — 17 triunfos em 22 edições —, Marrocos tomou as



Vinicius Junior salvou a Seleção Brasileira de um vexame na estreia contra Marrocos ao marcar o gol de empate em bela jogada individual

AFP



Lucas Paquetá, do Brasil, em duelo contra Mazraoui: meia errou muito

rédeas no primeiro tempo.

Trocaram passes com naturalidade, aceleraram quando encontraram espaço e expuseram os problemas de encaixe do sistema defensivo brasileiro. Durante os primeiros minutos, a bola parecia ter cidadania marroquina. Após longa sequência de trocas de passe, Mazraoui percebeu a dificuldade de Ibañez na recomposição, avançou sem resistência e cruzou para

Aynaoui finalizar. Bruno Guimarães apareceu como bombeiro para bloquear a conclusão e evitar o pior.

Zaga erra de novo

A linha defensiva brasileira dava sinais evidentes de falta de química. Os espaços surgiam entre os setores, e a recomposição era lenta e, não raramente, Marrocos atacava em superioridade numérica.

AFP



Esperança de gols do time de Ancelotti, Raphinha teve atuação apagada

Capitão e principal referência técnica da equipe africana, Hakimi tentou assumir o protagonismo ao arriscar um chute cruzado da direita. Alisson apenas acompanhou a trajetória da bola até a linha de fundo.

A posse chegou a ultrapassar os 70% para os marroquinos. O Brasil só conseguiu respirar quando Vinicius Junior resolveu chamar o jogo para si. O atacante levou a melhor

sobre Hakimi pela primeira vez e encontrou Igor Thiago na área. O brasileiro, porém não conseguiu acertar o tempo da cabeçada.

O castigo veio aos 20 minutos. Paquetá errou o domínio no campo de ataque e abriu caminho para um contra-ataque fulminante. Mazraoui encontrou Brahim Díaz, que serviu Saibari entre Gabriel Magalhães e Marquinhos. Cara a cara com Alisson, o atacante

mostrou categoria ao tocar por cobertura e abrir o placar no MetLife Stadium. Pecado. Foi o último lance antes da parada para hidratação.

Talento individual

Nem mesmo o gol acordou a Seleção. Paquetá acumulava erros de passe, Marrocos encontrava corredores livres por praticamente todos os setores do campo e a sensação era a de que o time africano estava sempre um movimento à frente. Até que Vinicius apareceu novamente. Se o coletivo não respondeu, a qualidade individual prevaleceu.

O camisa 7 venceu o duelo contra Hakimi, criou a jogada praticamente sozinho e recolocou o Brasil na partida. Depois do golaço, chamou a torcida para o jogo e incendiou o estádio. Os problemas, porém, permaneciam evidentes, especialmente na proteção às sobras das bolas paradas.

Antes do intervalo, o Brasil quase virou. Criticado durante boa parte da etapa inicial, Paquetá se projetou na área e acertou um belo voleio, obrigando a defesa marroquina a trabalhar. Seria injusto para o roteiro do primeiro tempo. Marrocos saiu de campo com a sensação de que merecia mais, enquanto o Brasil tinha a certeza de que precisava melhorar muito.

O primeiro tempo deixou feridas evidentes demais para serem ignoradas. Ancelotti percebeu isso e agiu sem cerimônia no intervalo. Ibañez foi sacado para a entrada de Danilo, enquanto Fabinho assumiu o lugar de Casemiro. Amarelado, o veterano flertava com a expulsão. O italiano precisava proteger o cão de guarda e, principalmente, impedir que Marrocos continuasse encontrando tanto espaço para correr.

Ancelotti esperou os protocolos 15 minutos do segundo tempo para mexer novamente na equipe. Igor Thiago, discreto durante a partida, deu lugar a Matheus Cunha. Paquetá também deixou o campo. Em busca de mais profundidade e velocidade, o treinador italiano lançou Luiz Henrique pela direita e assumiu de vez uma postura mais agressiva.

Era o movimento que faltava para a Seleção. O Brasil não sofria os mesmos sustos do primeiro tempo, fruto dos ajustes promovidos no intervalo, mas ainda esbarrava em um problema recorrente: tinha a bola, circulava pelo campo de ataque, porém sem transformar a posse em perigo real. As mudanças de Ancelotti buscavam, justamente, romper essa monotonia e devolver verticalidade a uma equipe que controlava o jogo sem conseguir ferir Marrocos.

O domínio territorial quase se transformou em vitória, mas morreu em lançamentos longos demais, cruzamentos sem direção e decisões apressadas. Faltou capricho. Faltou ousadia. Faltou a convicção de quem se vê pronto para conquistar uma Copa do Mundo. Nas arquibancadas, o ambiente parecia acompanhar o que acontecia em campo. Os gritos eram esporádicos, a empolgação aparecia em lampejos. Ao apito final, ficou a sensação de uma estreia burocrática, aquém da expectativa criada em torno de uma Seleção que desembarcou nos Estados Unidos soando com o hexa.